



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

ANDRÉ MEDEIROS FRANCO

**O PRESENTE COMO PRISÃO:
CONFINAMENTO E TEMPORALIDADE EM
K. DE BERNARDO KUCINSKI**

RIO DE JANEIRO
2018

ANDRÉ MEDEIROS FRANCO

**O PRESENTE COMO PRISÃO:
CONFINAMENTO E TEMPORALIDADE EM
K. DE BERNARDO KUCINSKI**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à banca examinadora
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel em Letras,
realizado sob orientação do Prof. Dr.
Gustavo Naves Franco.

RIO DE JANEIRO
2018

ANDRÉ MEDEIROS FRANCO

**O PRESENTE COMO PRISÃO:
CONFINAMENTO E TEMPORALIDADE EM
K. DE BERNARDO KUCINSKI**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à banca examinadora
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel em Letras,
realizado sob orientação do Prof. Dr.
Gustavo Naves Franco.

Rio de Janeiro, 19 de Dezembro de 2018.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lúcia Ricotta Vilela Pinto – UNIRIO

Prof. Dr. Gustavo Naves Franco – UNIRIO

*À Isabel Meninato, minha avó,
que me ensinou o valor da escuta e do amor.*

Agradecimentos

A Deus, que não desiste de mim.

Aos meus pais e irmãos, fundamentais para que eu não desistisse.

À minha avó e minha tia Fátima, pelo apoio a todo tempo.

Ao Gustavo, meu orientador, pelo incentivo e auxílio, pelo conhecimento partilhado, por me ajudar a descobrir um tema tão caro.

Ao William, por sua generosidade e humanidade, sempre.

Aos meus professores e aos funcionários da UNIRIO.

À Vanessa, companheira nessa jornada acadêmica desde o início, que tornou o peso mais leve, alegrou meus dias e me ajudou a continuar.

Ao Guilherme, ao Alex, ao Gabriel Ferreira, ao Gabriel Castro, à Júlia, ao Anderson e ao Lucas, pela amizade sincera e sempre presente, pela paciência e o companheirismo.

Ao D. Basílio, à Elza e à Bete, pelas conversas edificantes e pelo incentivo incansável.

À Beta, que me faz perceber que quem ensina é quem mais aprende.

Aos meus amigos, que, próximos ou distantes, trago no coração.

A todos que em alguma medida fizeram parte dessa jornada e puderam me ajudar a chegar até aqui.

Uma conclusão inesperada pode frustrar nossas expectativas moldadas por convenções antigas, mas revelar um princípio de ordem mais profundo. Embora todo fechamento responda a expectativas, não as satisfaz necessariamente.

(Paul Ricoeur – Tempo e narrativa, p.37)

Expectativas baseadas em experiências não surpreendem quando acontecem. Só pode surpreender aquilo que não é esperado. Então, estamos diante de uma nova experiência. Romper o horizonte de expectativa cria, pois, uma experiência nova.

(Reinhart Koselleck – Futuro Passado, p.313)

Resumo

FRANCO, André Medeiros. **O presente como prisão: confinamento e temporalidade em K. de Bernardo Kucinski**. Rio de Janeiro, 2018. 30 p. Monografia – Escola de Letras, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Este trabalho propõe uma reflexão acerca das relações que se estabelecem entre a Literatura e a História, que se apresentam como bastante estreitas, e como esses campos podem ganhar em compreensão ao promoverem um diálogo mais intenso. Aqui são mobilizados conceitos da Teoria da História para ajudar a pensar as relações do texto ficcional com o presente e de que forma a ficção pode servir de suporte para uma leitura do cotidiano. A partir do romance *K: Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, são propostas aplicações desse atravessamento interdisciplinar. A ficção, enquanto inserida em uma determinada moldura histórica, que tem também um papel estético inerente à obra, ajuda a compreender uma dinâmica de confinamento psicológico que vai se adensando pouco a pouco e aponta de que maneira o fim vai sendo paulatinamente substituído pela ideia de crise, o que aponta para a contemporaneidade, onde o fim que é iminente vai tornando-se imanente.

Palavras-chave: Presente; Confinamento; Temporalidade; Bernardo Kucinski.

Abstract

This work proposes a reflection about the relations established between Literature and History, which are presented as quite close, and how these fields can gain in understanding when promoting a more intense dialogue. Here, concepts of the Theory of History are mobilized to help thinking about the relations of the fictional text and the present and how fiction can be useful as a support for a present reading. From the novel *K: Report of a search*, by Bernardo Kucinski, applications of this interdisciplinary crossing are proposed. Fiction, while inserted in a certain historical frame, which also has an aesthetic role inherent in the work, helps to understand the dynamics of psychological confinement that starts gradually growing and indicates how the end is being replaced by the idea of crisis, which points to the contemporaneity, where the end that is imminent is becoming immanent.

Key-words: Present; Confinement; Temporality; Bernardo Kucinski.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 A HISTÓRIA, O FIM, A CRISE	13
2 <i>K: RELATO DE UMA BUSCA</i>	17
3 A QUESTÃO DA HISTORICIDADE EM K.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Em uma cultura onde a história é percebida como uma série de blocos que gradativamente vão se sobrepondo, o passado se apresenta como um organismo fechado em si, estático, e o futuro, conseqüentemente, como algo certo e indubitável, um caminho natural. Essa era a visão histórico-temporal até a Idade Média. Entretanto, principalmente a partir do século XVIII, um conjunto de transformações sociais, catalisadas pela Revolução Francesa, e diversos agravantes como o fim da hegemonia cristã, a expansão marítima e seus conseqüentes desdobramentos culturais, e o dito progresso, fizeram com que a percepção acerca do tempo presente fosse tomando novos contornos e demandando uma outra leitura. Assim surge uma nova ideia de história e de como pensá-la, pois vai crescendo a percepção de que o momento atual é muito diferente do passado. O paradigma de que a história progressa é fechada e imutável é quebrado, fazendo com que o passado possa ser reescrito sob uma nova ótica, uma perspectiva melhorada e de forma contínua a partir do presente, percebendo o encadeamento histórico que nos trouxe até aqui. Os historiadores deixam de ser aqueles que apenas recuperavam fatos passados para serem os que davam um passo atrás para enxergar melhor presente e futuro, a fim de contar o que se passou com mais coerência. Esse passo para trás objetivava conjugar, ver como um todo conexo, passado-presente-futuro.

A partir dessa percepção, Reinhart Koselleck, historiador alemão, propõe os conceitos de “Campo de Experiência” e “Horizonte de Expectativa” enquanto princípios antropológicos, analisando como eles se articulam com a realidade. A tese que Koselleck defende é que a modernidade surge no momento em que a experiência deixa de ser congruente à expectativa, quando deixa de conformá-la. O todo formado por passado-presente-futuro torna-se, portanto, fruto de uma construção narrativa sociocultural decorrente dessa quebra entre passado e futuro, e, dessa maneira, uma característica fundamental da modernidade é o futuro aberto. Uma vez que o futuro está aberto, vivemos um constante processo de reversão de expectativas, sempre estamos de volta ao estado de incerteza e dúvida, o que aumenta pouco a pouco a ansiedade pela falta de controle que se tem do presente, do real, da vida. Isso se aplica à ficção no estudo interno de cada texto, cada um trabalha um tipo determinado de temporalidade, cada um possui um repertório próprio de experiências e expectativas.

A reversão de expectativas trabalha na dinâmica do desvio estético apresentado por Hans R. Jauss na estética da recepção, e está ligada à experiência social, que é compartilhada. Antoine Compagnon (2010, p.195;210s) também mobiliza estes conceitos históricos em aplicação à crítica literária.

Poder reconstituir o horizonte de expectativa de uma obra, é também poder defini-la enquanto obra de arte, em função da natureza e da intensidade de seu efeito em determinado público. Se chamamos de “desvio estético” a distância entre o horizonte de expectativa pré-existente e a nova obra cuja recepção pode levar a uma “mudança de horizonte”, indo ao encontro de experiências familiares ou provocando outras experiências, expressas pela primeira vez, acessam a consciência, esse desvio estético, avaliado na escala de reações do público e julgamentos da crítica (sucesso imediato, rejeição ou escândalo, aprovação de indivíduos isolados, compreensão progressiva ou atrasada), pode tornar-se um critério de análise histórica (JAUSS, 2015, p.58. Tradução nossa)¹

Frank Kermode e Paul Ricoeur pensam esses conceitos em relação à crise da narrativa e a ideia de “fim”, sob uma perspectiva que se modula em maior ou menor escala para uma visão apocalíptica do momento atual e como isso se percebe na ficção: “Embora todo fechamento responda a expectativas, não as satisfaz necessariamente.” (RICOEUR, 2010, p.37). A motivação deste estudo repousa na percepção de que a narrativa se vale dessas dinâmicas, não necessariamente como prognóstico do que acontecerá com a sociedade, mas como elemento estético. Até que ponto o que se passou poderá projetar o que virá?

Neste trabalho, procurou-se trazer para a análise os conceitos de “Campo de Experiência” e “Horizonte de Expectativa”, propostos por Reinhart Koselleck, como ferramentas para a compreensão da produção ficcional, especialmente no final do século XX, com ênfase em sua aplicação a aspectos internos do texto literário, na medida em que ambas as categorias se apresentam como relevantes para a avaliação das dinâmicas de um texto, e, ao mesmo tempo, como índices de sua historicidade. Inicialmente, propõe-se uma reflexão sobre a relação entre literatura e teoria da história, identificando pontos

¹ “Pouvoir ainsi reconstituer l’horizon d’attente d’une œuvre, c’est aussi pouvoir définir celle-ci en tant qu’oeuvre d’art, en fonction de la nature et de l’intensité de son effet sur un public donné. Si l’on appelle “écart esthétique” la distance entre l’horizon d’attente préexistant et l’oeuvre nouvelle dont la réception peut entraîner un “changement d’horizon” en allant à l’encontre d’expériences familières ou en faisant que d’autres expériences, exprimées pour la première fois, accèdent à la conscience, cet écart esthétique, mesuré à l’échelle des réactions du public et des jugements de la critique (succès immédiat, rejet ou scandale, approbation d’individus isolés, compréhension progressive ou retardée), peut devenir un critère de l’analyse historique” (JAUSS, 2015, p.58)

de convergência e consonância a partir do pensamento de autores como Paul Ricoeur, Walter Benjamin e Frank Kermode em diálogo com a tese de Koselleck.

Em seguida, é proposta uma análise do romance *K: Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, onde os conceitos e relações com a história parecem evidenciar-se de modo a exemplificar esse diálogo. Pensando os aspectos teóricos à luz da obra escolhida, pôde-se perceber a potência desses conceitos para fornecer um diagnóstico do fazer literário em um período histórico marcado pela crise e a desarticulação entre inícios e fins. O que se busca é tentar perceber como o romance ajuda a entender o conceito e de que maneira o conceito pode facilitar o acesso a uma análise do romance; como a teoria da história pode servir à literatura e de que maneira a literatura pode colaborar para uma melhor compreensão de conceitos da história.

1 A HISTÓRIA, O FIM, A CRISE

Fazer, constituir, arranjar e sistematizar a história parece caminhar de mãos dadas com o fazer literatura, seja na motivação, seja na execução técnica. Isso se dá pelo fato de que construir uma literatura, produzir narrativas, retratar a vida, é uma preocupação e um desejo que passa pela necessidade de se reconhecer e enxergar o mundo que abrange o ser humano, em cada época, em cada contexto social e político. Escrever a história, recuperar fatos, eternizá-los através da escrita, igualmente, reflete uma preocupação de não deixar perderem-se as estruturas que fizeram e fazem o hoje enquanto tal. Ambas são empenhos de reconhecer o mundo e se reconhecer nele, na tentativa de compreender e dar a entender o modo como agimos e por que agimos.

Segundo Jörn Rüsen (2001, p.30), o historiador inicia sua pesquisa a partir de algum elemento que o inquieta, é uma busca por orientação. Então, vai atrás de fontes e recursos que possam lhe ajudar a compreender determinado fato. Suas conclusões serão partilhadas com a sociedade a partir da sistematização dos conhecimentos adquiridos através de uma narrativa histórica, permeada de referenciais teóricos e factuais, mas que de maneira alguma estará isenta de intencionalidade e desejos ao ser concretizada.² O historiador se vale de determinado estilo e gênero para relatar sua pesquisa, há aí um caráter estético.

O escritor de literatura vai buscar na realidade que o circunda as ferramentas e elementos para a construção de seu enredo, que, invariavelmente, ao menos tangenciará uma série de questões que são preocupações de um determinado grupo social, de uma determinada cultura. A verossimilhança que se almeja na obra literária demanda também esse diálogo com o mundo, e por isso é possível perceber como cada obra, em cada momento histórico, traz em si elementos que permitem localizá-la temporal e socialmente. Ainda que os aspectos sociais e temporais não sejam o assunto de que ela trata, há sempre uma moldura histórico-social.

Uma vez que temos por certo de que o contexto temporal invariavelmente articula a produção literária, é relevante pensar nos contextos histórico-sociais para ler e

² Koselleck et al. (2016) aponta que: “O historiador – como o próprio participante – não conseguiria evitar de trazer consigo seus pontos de vista, que dependem da origem, do *status*, dos interesses e da posição, de forma que uma História *post eventum* sempre se transforma.” (p.195).

interpretar as obras com as quais nos deparamos. A modernidade foi responsável por grandes revoluções na vida e no pensamento. As revoluções propriamente ditas – poderíamos citar a Francesa e a Industrial, por exemplo –, a expansão marítima europeia, o colonialismo, a própria criação da imprensa, tudo isso afetou direta e profundamente a mentalidade e a maneira de ver o mundo e se perceber nele.

Reinhart Koselleck, historiador alemão, defende a tese de que é justamente com a modernidade que o par de conceitos “campo de experiência” e “horizonte de expectativas” se desarticulam em definitivo (2006, p.314), e isso gera mudanças ímpares na vida da humanidade. A título de conceituação, Koselleck define *experiência* como:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. (2006, p.309-310)

e sobre a *expectativa*, aponta que:

Também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é fruto do presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (2006, p.310)

As mudanças substanciais que o historiador defende como consequência dessa desarticulação e que afetam toda a humanidade são de ordem prioritariamente psicológica. Isso se configura na medida em que o par de conceitos, uma vez incongruente, gera uma crescente ansiedade em virtude da incerteza gerada sobre o presente e uma completa imprevisibilidade do futuro. Ele sintetiza essa dinâmica em uma fórmula:

Quanto menor o conteúdo de experiência, tanto maior a expectativa que se extrai dele. *Quanto menor a experiência tanto maior a expectativa* – eis uma fórmula para a estrutura temporal da modernidade, conceitualizada pelo “progresso”. (2006, p.326)

Essa realidade vai modular não só a forma de viver, como também a forma de produzir, em todos os campos artísticos³. Crescendo a imprevisibilidade sobre o futuro, cresce uma necessidade de controle, de retomar o que se perdeu. Como esse controle não é alcançado, vai surgindo uma certa percepção apocalíptica, de fim iminente, em função também das guerras e episódios caóticos que começam a se avolumar entre os séculos XIX e XX, culminando em uma mentalidade onde o fim iminente vai se tornando um fim imanente, em um tempo expandido, um fim que não termina e que se prolonga num presente continuado.

Na ficção podemos ver refletidas as consequências da desarticulação percebida por Koselleck a partir da percepção de que gradativamente se pode notar a presença de começos e fins desconectados, bem como a impossibilidade de determinar fins.

Como, na tradição ocidental, os paradigmas de composição são ao mesmo tempo paradigmas de fecho, pode-se esperar que o eventual esgotamento dos paradigmas torne-se legível na dificuldade de concluir a obra. [...] É pois legítimo considerar sintoma do fim da tradição da composição da intriga o abandono do critério de completude e, assim, o propósito deliberado de não terminar a obra. (RICOEUR, 2010, p.33-34)

Cria-se o problema de princípios e fins numa forma que, paradigmaticamente, imita a forma do mundo. [...] Os fins são fins apenas quando não são negativos, mas transfiguram abertamente os acontecimentos a que são imanentes. (KERMODE, 1997, p.169)

A experiência literária é uma experiência de constante reversão e reformulação de expectativas. Toda narrativa presume experiências e cria expectativas – direcionamentos – em relação ao fim, no intuito de atender nossa sede de verossimilhança. Se elas se confirmam, faz-se o clichê, o que é dado, não tem graça. Para o leitor, torna-se esvaziado, não satisfaz. O que verdadeiramente satisfaz é o que não podemos antecipar. Frank Kermode argumenta que:

Claro que não nos podem negar um fim; um dos grandes encantos dos livros é que têm de findar. Mas a menos que sejamos tremendamente ingênuos, como algumas facções apocalípticas ainda são, não pedimos que se dirijam para esse fim exactamente como nos fizeram crer. Aliás,

³ Frank Kermode (1997) pontua: “Ora também eu penso que existe um poderoso elemento escatológico no pensamento moderno e que ele se reflete nas artes, assim como se diz que a “Guernica” reflecte os apocalipses medievais que interessavam a Picasso; mas não me é fácil encontrar a singularidade da nossa situação. É vulgar falar-se da nossa situação histórica como singularmente terrível e, dum certo modo, privilegiada, um ponto cardeal no tempo.” (p.99).

devíamos esperar que somente a obra mais trivial seguisse os tipos pré-existentes. (1997, p.39)

Tudo o que é excessivamente controlado esvazia-se de sentido, de experiência, pois se torna previsível, subestima a inteligência e a capacidade do leitor. O que provavelmente seja crucial nessa dinâmica que se estabelece, é o fato de que a dificuldade encontrada na maior parte das obras seja a de fechamento, de um fim.

Paul Ricoeur identifica que na contemporaneidade, uma ideia chave é aquela referente à crise. A crise configura o nosso presente de maneira ampla, e isso se dá pelo fato de que reconfiguramos a nossa percepção do fim dentro de uma lógica de continuidade. O fim, com suas expectativas e incertezas, parece aproximar-se continuamente, porém, quanto mais temos a sensação de que ele vai chegando mais ele se afasta. O sentimento que permeia essa realidade é o de um presente transfigurado em fim permanente, ou simplesmente crise.

Essa transição do Apocalipse para a tragédia elisabetana abre caminho para expormos uma parte da cultura e da literatura contemporânea em que a Crise substitui o Fim, em que a Crise se tornou transição sem fim. (RICOEUR, 2010, p.41)

2 K: RELATO DE UMA BUSCA

O romance *K: Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski, retrata o drama de um pai que busca sua filha desaparecida durante o regime militar brasileiro, ocorrido entre as décadas de 1960-1980. O romance se desenrola em torno dessa procura e não tem objetivamente um fim, ao passo que o encontro não ocorre, tampouco o protagonista experimenta um fechamento categórico para sua espera, uma vez que reiteradamente a ele é negado que ela tenha sido presa ou mesmo que esteja morta.

Kucinski nos apresenta o drama de um homem denominado apenas por “K”, judeu, imigrante polonês, vindo para o Brasil em fuga da perseguição política que antecedeu a segunda guerra mundial. Estabelecido em São Paulo, ele tem um pequeno negócio e é membro entusiasta de um clube que estuda e promove o iídiche e sua literatura. K é pai de três filhos, dois deles moram fora do país e sua filha, que motiva sua empreitada, é doutora, professora de química na USP. Ela não se dava com sua segunda esposa, o que gerou certo afastamento do convívio mais próximo com o pai, porém, mantinha com ele contato regular. Ao perceber a ausência de contato por um tempo maior que o usual, o pai se preocupa, motivado especialmente pela notícia de que dois jovens estudantes judeus haviam sido presos recentemente. Após tentativas frustradas de contato telefônico e do insucesso em encontra-la no endereço que ela lhe havia fornecido, ele se dirige à universidade em busca de notícias. Lá se depara com o que vai agravar sua preocupação: ela já não aparecia no campus havia uma semana. Assim começa sua jornada em busca da filha e essa busca não terá sucesso ou fim, apesar de longa e exaustiva. Não se pode dizer que esse pai não esgotou as possibilidades em seu intento, porém, não teve êxito.

O romance baseia-se na história de Ana Rosa Kucinski, irmã de Bernardo, que era militante da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e desapareceu em 1974 junto de seu marido. Ana Rosa era professora do Instituto de Química da USP e chegou a ser exonerada do cargo à época por abandono de função. Se para quem a buscava ela apenas desapareceu, hoje sabemos através do depoimento do ex-delegado Claudio Guerra à comissão da verdade em 2014, que depois de torturada e morta, seu corpo foi levado de Petrópolis para Campos dos Goytacazes e incinerado em uma usina no mesmo ano de 1974 (MÜGGE, 2016, p.100;103). Fatos que só serão conhecidos quatro décadas depois, quando esse pai já não vive mais, quando as vidas já estão em pedaços, quando já não há

mais nada a ser feito, a não ser lutar contra o esquecimento e o apagamento de sua existência e luta.

A sequência de negativas e insucessos na procura de K vai ditando o tom do romance, e mesmo quando não apenas o leitor, mas também aquele pai já começa a se dar por vencido, já prevê que sobre a morte não resta dúvida, a ele não é permitido um encerramento desse ciclo. Não apenas é negado um corpo para sepultar, como também é negada qualquer alternativa para a vivência de um luto, que por mais doloroso que se apresente, asseguraria o encerramento de um sofrimento e o fechamento necessário. Seja na esfera religiosa, quando lhe é negada a possibilidade de uma lápide e de homenagens póstumas, justamente pela ausência de um corpo, seja na esfera social, quando ao elaborar um livreto dedicado a filha para distribuir em sua memória para pessoas próximas, a gráfica se nega a reproduzi-lo por considerá-lo de conteúdo subversivo. A violência a que é submetido K parece não findar e as consequências ele sente em seu físico. A energia e tenacidade que experimentava e demonstrava desde o início de sua busca agora já se encontram substituídas por uma fadiga e desânimo que chegam a curvar seu corpo.

“O que você está pedindo é um absurdo, colocar uma lápide sem que exista o corpo...” O rabino é enfático. [...] o rabino não só rejeita o pedido como demonstre frieza ante o seu drama. [...] “O que você quer na verdade é um monumento em homenagem à sua filha, não é uma lápide, não é uma *matzeivá*; mas ela era terrorista, não era? [...]” (KUCINSKI, 2016, p.73;77)

[...] ocorreu então a K. a ideia de compor um pequeno livrinho em memória da filha e do genro. Uma lápide na forma de livro. Um *livro in memoriam*. Isso também se fazia de vez em quando na Polônia, embora sem substituir a *matzeivá*. [...] No dia seguinte K. retornou à gráfica para saber do orçamento e quando livrinho ficaria pronto. Foi recebido quase aos gritos pelo jovem: “Como o senhor teve o atrevimento de trazer material subversivo para a minha gráfica? Pegue isso e dê o fora, nunca mais apareça com esse tipo de coisa. Onde já se viu, material subversivo, uma desaparecida política, uma comunista. Ela não era comunista?” (KUCINSKI, 2016, p.77-78)

Kucinski faz referência ao *Anjo exterminador*, de Buñuel, e com ele traz novas cores para compreender aquele labirinto infinito onde K se encontra preso. No filme de 1962 os convidados de um jantar, membros de uma elite aristocrática, veem-se presos em um cômodo da casa anfitriã por uma barreira que não se pode ver, mas que os impede de deixar o local, sem nenhuma explicação, sem nenhuma justificativa prévia ou posterior. Os comensais que ali permanecem, vão se degradando e percebendo as aparências ruírem gradativamente, deixando aflorar o que há de mais primitivo em cada um. No romance, a

filha, que é identificada apenas por “A.”, comenta em uma carta endereçada a uma amiga sobre o filme e como ela via nele a tradução daquele momento em que se encontrava:

Às vezes eu me pergunto: por que tudo isso? Não sei se é paranoia, mas sinto um perigo me rondando. Todo dia prendem alguém no campus. Não preciso falar do que tem acontecido. O clima está muito pesado. Como sair disso? Não sei como sair, só sei que, se antes havia algum sentido no que fazíamos, agora não há mais; aí é que entra o filme do Buñuel, aquelas pessoas todas podendo sair e ao mesmo tempo não podendo, não conseguindo, sem que haja um motivo, uma explicação racional. Ficam presas ali, numa prisão imaginária, e vão se degradando. Nunca pensei que esse filme viesse a ter tanto significado para mim. Fiquei imaginando que tipo de situação inspirou o Buñuel, se foi o franquismo, se foi o catolicismo, se foi alguma coisa da vida dele, pessoal. Seja o que for, é um belo estudo sobre o que leva as pessoas a fazer o que fazem, a caminhar numa direção sem saída e não ter forças para mudar. É o que acontece comigo. (KUCINSKI, 2016, p.46-47)

Se no romance quem se percebe inserida nessa situação é a filha, é inegável que essa é uma grande metáfora para a realidade com se deparava também aquele pai. O desespero e a desconfiança fazem também em K aflorar comportamentos e atitudes primitivas, que o degradam, que o desfiguram. Aquele homem correto, cortês e gentil, subitamente, se vê praguejando contra os pares do clube de iídiche.

Não é ao acaso o desespero pelo paradeiro e o destino da filha. Toda essa situação lhe transportava de volta ao tempo da juventude, tempo do embate político na Polônia. Ele conhecia bem pelo que se passa em um momento como esse e quais são as consequências mais imediatas. Ele sabia o que era se ver privado do convívio de familiares, se ver privado da vida de quem se ama. Ele havia perdido as irmãs na Polônia, e sua esposa perdera a família nos campos de concentração. A história que parece repetir-se diante dos olhos, não uma história apreendida, mas uma história experienciada, o que torna muito mais vívidas e graves as preocupações experimentadas, é o que provavelmente mais o inquieta.

Neste ponto repousa uma especificidade muito relevante na obra de Kucinski. Poderíamos dizer que esse é o aspecto central da originalidade na problematização que ele faz da questão. Se com a proposta de Koselleck o futuro fechado, uma temporalidade cíclica, que era prévia à modernidade, trazia consigo um caráter positivo, o que vemos aqui, a partir de um fechamento dessa temporalidade de maneira artificial, pela força e imposição autoritarista, é um confinamento, um enclausuramento do sujeito em um presente em eterno retorno. K se vê encerrado em uma prisão temporal, não espacial. A juventude de luta e dor retorna e o mantém refém, inerte, desarmado. Aí se dá o seu

confinamento, aí está a crise. Se o *Jetztzeit* de Benjamin (2012, p.249) possuía um caráter positivo, de presentificação da história, de expansão do hoje como momento privilegiado da história que se atualiza, na perspectiva de um fechamento inorgânico do futuro que fora aberto, esse *Jetztzeit* se transfigura em um pesadelo que se vivencia acordado.

Ao pai que busca sua filha é negada uma despedida, e esse homem se vê enclausurado em sua busca, sem uma conclusão, sem uma completude. Ele está condenado a reviver aquela espera de forma cíclica. Kucinski vai criando um ambiente claustrofóbico que não se restringe a própria situação de ausência de direitos fundamentais, que já era evidente e declarada desde 1986, através do AI-5 – a ação autoritária do Estado é o que enclausura K em uma temporalidade repetitiva. A própria construção da narrativa, a partir de uma estrutura fragmentaria, abrindo mão de uma linearidade, ajuda a enredar também o leitor, fazendo-o partilhar com K esse sentimento de ansiedade e confusão, através de uma sequência que parece fornecer peças aleatórias de um quebra-cabeças repleto de lacunas para ser montado no desejo de encontrar a figura final – que nunca chega a ser revelada. O tempo e a temporalidade da narrativa são modulados pelo binômio desarticulação-impossibilidade.

K é uma obra que já foi visitada anteriormente, com diferentes enfoques. Júlia Manacorda (2015) faz uma leitura do romance sob a ótica da filosofia da história benjaminiana, buscando perceber o real que se desvela a partir da negatividade (p.2). Ela enxerga no romance um desejo de renúncia ao apagamento de uma memória, de uma existência, um desejo de renúncia a um silenciamento, que visa garantir a palavra e o testemunho a quem esse foi negado. Kucinski proporia, para Manacorda, uma busca da verdade a partir dessa negatividade, da ausência, e a consequente superação do trauma. *K* seria uma luta contra o esquecimento imposto pelo autoritarismo do sistema e a concretização do direito – e dever ético – do testemunho, que tem função social de evitar a repetição de erros através da experiência partilhada.

Ernani Mügge (2016) faz uma leitura de *K* pelo prisma da revisão da história nacional. Sua análise do romance de Kucinski transita pelas questões inerentes a relação entre a história e a ficção, bem como seus papéis em um contexto macro. Mügge argumenta como em *K* as escolhas por evidenciar ou não fatos e informações são bem pensadas e trazem consigo uma razão maior de ser, tendo um caráter por vezes de denúncia, por vezes de universalização dos fatos, ou ainda de resguardo emocional.

O comentário à obra que Friedman e Bastazain (2016) fazem é ligado ao aspecto de literatura de testemunho que se pode depreender do romance. As autoras apontam que

a literatura de testemunho é lugar privilegiado de potência e de tensão permanente entre o ser e não ser, apontando a capacidade de trazer à luz o que há de histórico e factual, e o que já não pode ser reconstituído ou reconfigurado pela própria impossibilidade da perda, uma vez que invariavelmente esse tipo de literatura está associado a eventos de morte e dor.

Poderíamos dizer que *K: Relato de uma busca*, em última instância, pode ser enxergado como uma busca por fazer memória, uma luta contra o apagamento do indivíduo, de uma subjetividade, bem como uma voz que grita contra o silenciamento autoritarista.

3 A QUESTÃO DA HISTORICIDADE EM K

Kucinski propõe uma ficção que se confunde com o relato histórico. Essa atmosfera de incerteza e dúvida é intencional e fundamental para o desenrolar da obra e ao que ela se propõe. A advertência na abertura do romance prepara esse terreno: “Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu” (2016, p.11), e ele vai se adensando nas cartas, nos encontros e diálogos que são apresentados ao longo da obra. O que é fato e o que é fabulação? Não importa tanto. A meta é alcançada: dar voz a quem não pode mais falar por si, sobre si, sobre o que viveu, e dar a oportunidade da vivência de um luto, um fechamento, a quem foi negado. A dor de K é evocada, uma dor particular, mas ela é ao mesmo tempo partilhada por muitos mais que sofreram a mesma violência psicológica, que alcança o nível físico, invariavelmente.

Sobre esse aspecto, Mügge (2016) pontua que a própria referência tanto ao pai, quanto a filha através apenas das iniciais – K. e A. – tem essa função, não apenas de deslocar o foco de uma narrativa biográfica familiar de Kucinski, quanto de universalização do drama apresentado, uma vez que retrata muitas histórias semelhantes.

A problemática dos fins e a consequente impossibilidade de determinar alguns se torna bastante presente e palpável na obra em questão, o confinamento a que K está submetido não é físico, mas psicológico, e consequentemente muito mais grave e de difícil escape. Toda a experiência que é evocada pelo autor, desde o título do romance, que antecede a leitura, não encontra uma concretização da correspondente expectativa. A busca não tem um encontro, a morte não é seguida do devido processo de luto. Isso gera e fomenta um embate psicológico, tanto no protagonista quanto no leitor, que partilha sua busca e expectativa. A esperança de um final para a empreitada, uma redenção, vai se dissolvendo pouco a pouco, e, ao produzir essa quebra, vai gerando uma nova forma de leitura e de construção de experiência e presente.

Freud define que:

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como pátria, liberdade, ideal etc. [...] A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e um rebaixamento do sentimento de autoestima [...]. (2011, p.47)

Na melancolia, ao contrário,

a perda é de natureza mais ideal. O objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor [...] Em outros casos, [...] não podemos discernir com clareza o que se perdeu e com razão podemos supor que o doente também não é capaz de compreender conscientemente o que ele perdeu. [...] Isso nos levaria a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente. (2011, p.51)

Dessa maneira, podemos objetivamente perceber que a diferença que se impõe entre as duas categorias é a concretude do que é perdido. O sentimento melancólico se transforma em uma doença por que a sensação de perda não pode ser figurada de maneira concreta, não há um objeto da perda. Sem uma possibilidade de objetivação, não é possível a superação. Freud ainda argumenta que no estado melancólico o doente se diminui, se pune e busca ser repreendido. De fato, vemos um comportamento similar em K no romance: ele se culpabiliza pelo que ocorre, busca motivos e fatos para se afirmar como o detentor da responsabilidade pelo que se passou com a filha, seja por não ter percebido a mudança de comportamento, seja por ter dado atenção demais ao ídiche em detrimento dela.

Era como se faltasse o essencial; era como se as palavras, embora escolhidos com esmero, em vez de mostrar a plenitude do que ele sentia, ao contrário, escondessem ou amputassem o significado principal. Não conseguia expressar sua desgraça na semântica limitada da palavra, no recorte por demais preciso do conceito, na vulgaridade da expressão idiomática. Ele, poeta premiado da língua ídiche, não alcançava pela palavra a transcendência almejada.

[...]

Aos poucos K. foi se dando conta de que havia um impedimento maior. Claro, as palavras sempre limitavam o que se queria dizer, mas não era esse o problema principal; seu bloqueio era moral, não era linguístico: estava errado fazer da tragédia de sua filha objeto de criação literária, nada podia estar mais errado. Envaidecer-se por escrever bonito sobre uma coisa tão feia. (KUCINSKI, 2016, p.127-128)

A melancolia é uma doença tipicamente moderna, por que esse sentimento de perda sem uma figuração referencial parece ligada aquela sensação de vazio deixada por uma falta de certeza ou segurança em relação a uma antecipação de um futuro. Porém, no caso de K, poderíamos falar em uma terceira categoria, uma subespécie do que Freud definira como melancolia, uma vez que esse sentimento de vazio que é deixado pelo que não se pode nomear não é fruto de um movimento natural do mundo, das relações sociais, antes, ele é algo imposto e perpetrado pelo Estado, de forma autoritária e arbitrária.

Em *O processo*, publicado originalmente em 1925, Kafka confronta o leitor com um relato também de impossibilidade, uma questão labiríntica que atormenta Josef K., um bancário comum, que se torna alvo de um processo do qual ele nada sabe e tampouco qualquer informação lhe é revelada. O que se faz claro é a burocratização do Estado que instaura esse processo, onde mesmo depois de demorado autoexame, o protagonista não encontra ato sobre o qual se lhe pudesse imputar pena ou instaurar um processo, mas se vê impossibilitado de fazer qualquer coisa diferente de obedecer aos comandos que lhe são impostos. A saga de Josef K. chega a se assemelhar a um relato onírico, talvez se aproximando mais de um pesadelo, e não chega a uma conclusão razoável. Ele se vê subjugado, tamanha é a força opressora da ação dos que orquestram seu processo. A realidade retratada por Kucinski parece uma referência muito direta a obra de Kafka, na articulação do Estado que suplanta a liberdade, na mudez com que justifica ou classifica seus atos e a arbitrariedade com que se desenrola todo o processo de sua busca.

Os conceitos de Koselleck, aplicados a leitura do romance, parecem apontar algumas portas. A experiência dita que uma busca termina com um encontro, seja ele feliz ou não. A mesma experiência supõe que uma obra literária é encerrada com algum tipo de fechamento categórico. A expectativa decorrente desse campo de experiência suscitado não é, em absoluto, atendida, pelo contrário, ela é frustrada. Isso aponta para uma realidade no contemporâneo, onde os fins não são por vezes possíveis, ou indicam uma quebra radical no que se espera deles.

Frank Kermode analisa a questão dessa realidade atual dos fins a partir de uma sensibilidade apocalíptica, ele pensa como a realidade do apocalipse, de um final devastador e imbatível assola o inconsciente coletivo e modula a imaginação e capacidade de fabulação no hoje. Esse fim iminente vai se transfigurando em fim imanente, um fim expandido, um fim que é o agora e que perdura, sendo substituído pela crise. A crise, portanto, substitui o fim, configurando o *Jetztzeit*, o tempo de agora, como uma crise sem fim.

O romance de Kucinski não é um livro de história, definitivamente. Nem se pretende, como pode-se verificar na advertência que abre o romance. Porém, é inegável que desempenha um papel e função historiográficos, pois é responsável por recuperar uma ferida aberta na sociedade brasileira, que se faz sempre presente e atual, não apenas por ser uma peça da história recente do país, mas por continuar a marcar e demandar reparação. Essa recuperação é pertinente portanto, e não se faz ao acaso: ela propõe e promove uma revisão da tragédia e do absurdo apontando a destruição deixada nas vidas

que restaram, naqueles que não foram formalmente presos ou torturados fisicamente, mas que sofreram tortura e morte igualmente, de forma talvez ainda mais irreparável, por que seu sofrimento não teve fim.

Para aproximar-se de K, não é necessário um vasto conhecimento do período histórico, o romance traz uma experiência muito antes de se pensar em fatos. Isso se dá a partir de um determinado ritmo, de um determinado sentimento, que é o que a literatura de ficção traz de específico. O que temos é uma operação estética que traz em si uma moldura histórica. O trunfo da obra é conseguir transmitir ao leitor a experiência estética de situá-lo.

Recuperando e refletindo sobre tragédias, guerras, o impensável como um todo, a função da literatura e em paralelo do historiador é de tentar conscientizar para evitar que tais capítulos da história se repitam. Quando Walter Benjamin defende escovar a história a contrapelo (2012, p.245) trata-se disso, ir em busca do que ficou soterrado pelas ruínas do tempo – seja por comodidade, seja por não se saber como lidar, ou até mesmo por má índole –, do que foi varrido para debaixo do tapete do tempo, a fim de possibilitar novas chances de futuro, um futuro menos cruel e mais humano.

Não há como não pensar na problemática apontada por Benjamin em relação a falência da capacidade de narrar (2012, p.123), essa falência não se restringe ao tempo em que ele escreve, mas parece se fazer permanente, com pontuais tentativas de furos nesse tecido. A obra de Kucinski parece ser exatamente uma dessas tentativas, no desejo de, através de um relato que se assemelha ao testemunho em alguns aspectos (apesar de não o ser), buscar recuperar aquela faculdade de intercambiar experiências, transmitir vivências, ainda que pretendendo dar voz a quem não mais poderá falar, mas que teria desejado dizer pelo que passou e o que viveu. Ainda que não haja mais possibilidade de Ana Rosa contar sua experiência do período em que viveu clandestina ou que foi presa, ou mesmo que K também não possa partilhar suas dores e preocupações, o romance tenta dar voz a estes que foram silenciados pela história, tenta dar vez a quem ela foi negada de maneira cruel e brusca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Koselleck situa-se em um momento em que questões linguísticas interferiam fortemente na história, discutia-se como as coisas dependem do discurso, como a linguagem tem potência de conformar o mundo. Ele participa do Giro Linguístico, que refletiu sobre a linguagem enquanto chave para pensar outros campos, como a história, por exemplo, e lançou mão da teoria literária para compreender narrativas históricas. O historiador percebeu que narrativas históricas tem um caráter estético, apontam para um gênero, são articuladas para tal. Nessa época propõe-se uma desconstrução da ideia de que a narrativa histórica é isenta, tem o compromisso exclusivamente factual. Sempre que se conforma o fato em narrativa, há um gênero que é aplicado, aí reside o caráter estético.

Participando do Giro, Koselleck cria um campo na história, o do estudo dos conceitos, propondo uma análise de como determinados conceitos vão mudando em consonância com as mudanças que sofre a humanidade. Ele buscou estudar o uso próprio das palavras. Conceitos são socialmente construídos e transformam-se com o tempo, eles são definidos pelo uso. Esse é o tipo de estudo que dá uma grande ênfase à linguagem.

As categorias que Koselleck mobiliza vão ser importantes para problematizar o mundo real. A própria questão da temporalidade na modernidade, em última instância, vai servir para pensar nossa realidade hoje. Somos seres que lidam com certas experiências e projetam determinadas expectativas. Ambas as categorias são sintetizadas no presente. Se vivemos um momento de crise, nossa expectativa será necessariamente influenciada, afetada, modificada. A expectativa vai ser assim modulada pela experiência, e o enfoque que é dado à experiência é variado.

Tendo sempre em vista a localização temporal-social de uma obra literária, é possível perceber a utilidade de conceitos oriundos da teoria da história para pensar também a literatura, identificando a relevância de um atravessamento interdisciplinar. Cada obra de ficção propõe ao leitor um campo de experiências, criando expectativas com as quais o texto opera, e que são fundamentais em sua dinâmica temporal e estética. Essa questão pôde ser delimitada no estudo da obra Kucisnki, onde é possível identificar, através dos conceitos de Koselleck, conjugados ao pensamento de Kermode e Ricoeur, a crise que se apresenta na impossibilidade de determinar os fins, e como essa situação aponta para a realidade, indicando, de maneira especular, possibilidades de se pensar o presente.

Em *K: Relato de uma busca*, Kucinski retrata o drama de um pai que durante a ditadura militar no Brasil procura incansavelmente sua filha desaparecida. Sua busca vai revelando uma teia de relações e conexões que ele nunca imaginaria descobrir sem, no entanto, apontar para o objeto central de sua empreitada. Sem a possibilidade de recuperar sua filha, ou ao menos ter acesso a seu corpo para sepultar, sua busca não tem conclusão, não há um fechamento categórico para esse ciclo e isso o aprisiona. Portanto, na obra existe a expectativa, dada pela experiência que a narrativa presume – uma experiência cultural –, de um enterro, do processo de luto, de um “fim”, um *closure*, um fechamento orgânico. Porém, no contexto histórico que surge internamente à obra, e que remete ao momento da ditadura militar, essa expectativa se depara com a impossibilidade de sua consumação, ao mesmo tempo em que é impossível ao protagonista abandoná-la, e aí se constrói sua prisão, seu confinamento.

Nesse ponto é válido apontar ainda a própria ambivalência do termo *closure* e a ressignificação que ele sofre a partir dessa dinâmica. Usualmente o termo refere-se a um fechamento, um encerramento. Uma vez que um fim é necessário e inerente a obra, esse *closure* se dá num viés de enclausuramento: o que K consegue não é um fechamento, uma conclusão, mas um confinamento. Não se fecha uma porta para que a vida siga seu curso, fecha-se uma porta e ele permanece encerrado do lado de dentro.

A realidade percebida no romance, através dessa impossibilidade de articulação entre uma experiência e sua correspondente expectativa, um início e um fim, parece ilustrar a relação que a obra ficcional estabelece com a realidade. A abertura de um futuro gerando grande incerteza produziu uma maior necessidade de controle, um controle, geralmente, opressor que visava retomar, fechar esse futuro a qualquer custo. Foi o que aconteceu nos Estados totalitários europeus na metade do século XX e é o que vivenciamos de forma mais intensa e palpável com a ditadura militar brasileira. Toda essa dinâmica aponta para uma perspectiva de ansiedade, que é partilhada por uma coletividade.

Finalmente, espera-se ter evidenciado a importância de tais conceitos como ferramentas de diagnóstico e norteadoras de uma análise da obra ficcional enquanto retrato do contexto sócio-político, em maior ou menor medida, e uma representação de uma experiência temporal do confinamento, bem como sua função didático-pedagógica para compreender nossa situação e nos localizar no presente. Percebe-se que a ficção não tem apenas o caráter de ilustrar o que o ser humano vive e já compreende com exatidão, mas traz consigo, também, a capacidade de ser um instrumental para uma percepção,

interpretação e conhecimento do mundo. Com as aproximações propostas, espera-se ainda enriquecer a compreensão da teoria da história e entender as questões internas do texto. Tendo em mente, de forma especial, a obra de Kucinski, buscou-se ilustrar como a percepção contemporânea da realidade, fruto de todas as conjunções e alterações sociais vividas mais particularmente ao longo do último século, que geraram uma desconexão entre a experiência e o futuro, atua na ficção gerando uma problemática de fins, e, conseqüentemente, apontando para a realidade cotidiana, como instrumental para ler o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FRIEDMAN, Iris; BASTAZAIN, Vera. K. – Relato de uma busca, de Bernarndo Kucinski: ausência de memória na Literatura de Testemunho. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 10, nº 18, maio 2016, p.1-15.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: 34, 2009.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: JAUSS, H. R. [et. al]. *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 [1979], p. 67-84.

_____. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. Claude Maillard. Paris: Gallimard, 2015.

KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KERMODE, Frank. *A Sensibilidade Apocalíptica*. Trad. Melo Furtado. Lisboa: Edições Séclo XXI, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto - Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de história*. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

KUCINSKI, Bernardo. *K: Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MANACORDA, Júlia. K – A negatividade a dar conta do real. *Revista contemporânea*. Niterói, ano 5, v.1, n. 7, 2015, p.1-16.

MÜGGE, Ernani. K. – relato de uma busca: a ficção a serviço da revisão da história nacional. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v.41, n. nesp, jan./jun. 2016, p.95-104.

REIS, José Carlos. O Conceito de Tempo Histórico em Ricoeur, Koselleck e “Annales”: Uma Articulação Possível. *Síntese: Revista de Filosofia*, v. 23, nº 73, 1996, p.229-252.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Tempo e narrativa*. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Vol. 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001.